

[Últimas notícias](#)[Previsão do tempo](#)[Cotações ▼](#)[Agricultura ▼](#)[Pecuária ▼](#)[Fazenda Sustentável](#)[Globo Rural 40 anos](#)

Os desafios da bioeconomia na Amazônia

Aumentar os índices de produtividade da agricultura familiar com as tecnologias é uma forma de reduzir o desmatamento

Por **Silvia Massruhá, Ana M.C.Euler, Clenio Pillon e Judson Valentim***

07/08/2023 07h00 · Atualizado há 2 anos

CONTINUA DEPOIS DA PUBLICIDADE

Pela primeira vez, governos e sociedade civil dos oito países amazônicos estão engajados em um processo integrado e convergente de diálogo sobre quais políticas de Estado são necessárias para tornar a bioeconomia baseada na biodiversidade o principal vetor do desenvolvimento inclusivo e sustentável da região.

No Brasil, dados do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe) e da Embrapa constataram que as políticas promovidas ao longo dos últimos 70 anos resultaram na conversão de cerca de 20% e na degradação de outra parte considerável (38%) do bioma devido ao uso do fogo.

O resultado foi a geração de benefícios econômicos para poucos, enquanto se manteve o paradoxo amazônico de imensa riqueza ambiental com grande parte das populações rurais e urbanas vivendo em condições de pobreza e dependentes de programas governamentais de complementação de renda.

CONTINUA DEPOIS DA PUBLICIDADE



O Amapá é um caso emblemático com 73% de áreas especialmente protegidas e 57% da população inscrita no CadÚnico do governo federal.

SILVIA MASSRUHÁ
PRESIDENTE
Embrapa

CLENIO PILLON
DIRETOR DE PESQUISA
E INOVAÇÃO
Embrapa

JUDSON VALENTIM
PRESIDENTE DO
PORTFÓLIO AMAZÔNIA
Embrapa

ANA M.C. EULER
DIRETORA DE NEGÓCIOS
Embrapa

**O FUTURO DA AMAZÔNIA
EXIGE ATENÇÃO A
DIMENSÃO SOCIAL
COM A VALORIZAÇÃO
DO TRABALHO, DOS
CONHECIMENTOS,
DOS TERRITÓRIOS E
DA CULTURA DOS
POVOS DA FLORESTA**

— Foto: Divulgação / Embrapa

As discussões atuais convergem para o fortalecimento da cooperação com a construção de uma agenda de ações e políticas voltadas para inclusão produtiva que proporcione aumento da renda e qualidade de vida aos mais de 28 milhões de habitantes da bacia Amazônica, em consonância com a conservação e uso sustentável dos recursos naturais e da biodiversidade desta região.

A realização da Cúpula da Amazônia é de vital importância porque nos últimos anos houve rápido avanço do desmatamento. Ao mesmo tempo, verifica-se a aceleração das mudanças climáticas globais com impactos já percebidos no meio ambiente e na vida das comunidades rurais e urbanas, com riscos de alterações irreversíveis no bioma Amazônia.

É neste contexto que se insere a Embrapa, que vem atuando nos últimos 50 anos de forma cooperativa com os governos estaduais e municipais e com os diferentes segmentos produtivos nos setores agropecuário, florestal e agroindustrial.

A Embrapa possui nove centros de pesquisa na Amazônia Legal com um total de 1098 empregados, sendo 289 pesquisadores, dos quais 86% com doutorado. Estes centros de pesquisa também contam com 97 laboratórios especializados em análise nas áreas agrícola, pecuária, florestal e de clima.

CONTINUA DEPOIS DA PUBLICIDADE

O orçamento investido pela Embrapa na Amazônia Legal, em 2022, foi de R\$ 477 milhões, com um retorno social de R\$ 895 milhões anuais e geração de mais de 4.000 empregos pela adoção de suas tecnologias em 9,47 milhões de hectares em propriedades com atividades agropecuárias, em atividades de uso sustentável dos recursos florestais, em reservas extrativistas e terras indígenas.

Leia mais análises e opiniões

Com foco na segurança alimentar e geração de renda para cerca de 700 mil produtores familiares existentes na Amazônia Legal, foram desenvolvidas mais de 200 tecnologias relacionadas a 50 cadeias produtivas que viabilizam a transição da agricultura de derruba e queima para a agricultura sem desmatamento.

Essas tecnologias incluem desde sistemas agroflorestais com espécies nativas (açaí, cacau, cupuaçu, pupunha, castanha-do-brasil e outros) e sistemas de produção com café e fruteiras (abacaxi, açaí, banana e maracujá) e já contribuem para a inserção produtiva de dezenas de milhares de produtores familiares na Amazônia.

Um exemplo de adoção de tecnologias que valorizam a floresta em pé é o manejo de açaizais nativos, tecnologia adotada em mais de 84 mil hectares. Uma família extrativista com manejo de 15 hectares de açaizais nativos consegue gerar renda bruta anual superior a 37 mil reais com a remuneração da mão de obra familiar e comercialização dos frutos de açaí.

A área potencial de expansão desta tecnologia é de um milhão de hectares e 200 mil propriedades rurais.

Também foram geradas tecnologias para recuperação de áreas degradadas e intensificação sustentável dos mais de 55 milhões de hectares de pastagens existentes e que respondem por mais de 80% da área desmatada no bioma Amazônia.

Essas tecnologias transformam a monocultura com espécies de gramíneas exóticas em pastagens biodiversas associadas com leguminosas nativas do Brasil, as quais em associação com bactérias nativas nos solos se tornam biofábricas naturais para a fixação biológica de nitrogênio abundante na atmosfera, eliminando a necessidade de uso de fertilizantes importados e de alto custo.

CONTINUA DEPOIS DA PUBLICIDADE

Neste contexto, reverter o atraso tecnológico e aumentar os índices de produtividade da agricultura familiar e de outros públicos em situação de vulnerabilidade com as tecnologias já disponíveis é uma forma de reduzir a pressão sobre o desmatamento e as desigualdades sociais no curto prazo garantindo espaços de reprodução social e inclusão socioproductiva.

Por outro lado, existe um universo a ser explorado, como revela estudo recentemente publicado por pesquisadores da Embrapa, onde se estima que 54% das áreas de terra firme do bioma ainda não foram pesquisadas.

Logo é imperativo a valorização e o fortalecimento do ecossistema de educação, ciência, tecnologia e inovação já estabelecido na Amazônia que conta com 18 universidades, 9 Institutos Federais e 5 Instituições de Pesquisa e mais de 300 campi espalhados em 166 municípios.

Os caminhos para o florescimento de uma bioeconomia inclusiva na Amazônia passam necessariamente por investimentos públicos robustos em ciência, formação de capital humano e infraestrutura.

Ao mesmo tempo, essa é a estratégia capaz de mobilizar os atores privados em um processo de engajamento em torno de políticas de Estado visando, por um lado, o manejo florestal de uso múltiplo, a restauração produtiva e o pagamento por serviços ambientais para a valorização econômica de áreas especialmente protegidas compatíveis com o uso sustentável (reserva legal, unidades de conservação, terras indígenas), e, de outro, a intensificação sustentável e inclusiva embasada na descarbonização e certificação sanitária e ambiental das cadeias produtivas agropecuárias nos cerca de 20% da Amazônia já desmatada.

Finalmente, o futuro da Amazônia exige atenção a dimensão social com a valorização do trabalho, dos conhecimentos, dos territórios e da cultura dos povos da floresta.

CONTINUA DEPOIS DA PUBLICIDADE

** Silvia Massruhá é presidente da Embrapa; Ana M.C.Euler é diretora de negócios da Embrapa; Clenio Pillon é diretor de pesquisa e inovação da Embrapa, e Judson Valentim é presidente do Portfolio Amazônia da Embrapa*

Obs: As ideias e opiniões expressas neste artigo são de responsabilidade exclusiva de seus autores e não representam, necessariamente, o posicionamento editorial da revista Globo Rural

< Mais recente

Próxima >

Conteúdo Publicitário

Novo modelo de ar portátil esfria quarto em 3 minutos e não precisa de instalação

Ar Condicionado Portátil 2025 | Patrocinado

Leia mais